



---

# VOZES DE MULHERES EVANGÉLICAS ACERCA DA PSICOTERAPIA NO RIO DE JANEIRO: ÉTICA E DISPUTAS EM CONTEXTO DE PANDEMIA

Rebecca Ferreira Lobo Andrade Maciel\*  
Amana Mattos\*\*

## RESUMO

Este artigo aborda a complexa temática da prática profissional da psicologia e suas aproximações e tensionamentos com a inserção religiosa dos profissionais psi. Para isso, foram analisadas entrevistas semiestruturadas em contexto pandêmico acerca de seus processos terapêuticos realizadas com cinco mulheres evangélicas que já haviam se submetido à psicoterapia. O material traz a demanda das entrevistadas de falarem sobre as implicações éticas de terem passado por psicólogos que se diziam religiosos. O artigo tem como objetivo analisar esta demanda e articular com os debates levantados pelo Conselho Federal de Psicologia acerca da ética da profissão. Com isso, o material analisado mostrou-se fértil para pensarmos as disputas entre as sujeitas religiosas e os discursos dogmáticos que eram trazidos por esses “psicólogos cristãos” em seus atendimentos. **Palavras-chave:** pandemia; psicoterapia; gênero; evangélicos; ética.

## ABSTRACT

This article addresses the complex theme of the professional practice of psychology and its approximations and tensions with the religious insertion of professionals. For this, semi-structured interviews in a pandemic context were analyzed, carried out with five evangelical

---

\* Psicóloga pela UFRJ, teóloga pela Unibennett, especialista em Ciência da Religião pela FSBRJ, mestra de Ciências da Religião pela UMESp e doutoranda em Psicologia Social no PPGPS/UERJ.

\*\* Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social/UERJ Coordenadora do DEGENERÁ - Núcleo de Pesquisa e Desconstrução de Gêneros.



women who had already undergone psychotherapy, about their therapeutic processes. The material brings the demand of the interviewees to talk about the ethical implications of having gone through psychologists who claimed to be religious. The article aims to analyze this demand and articulate it with the debates raised by the Federal Council of Psychology about the ethics of the profession. With this, the material analyzed proved to be fertile for us to think about the disputes between the religious subjects and the dogmatic discourses that were brought by these “Christian psychologists” in their consultations.

**Key-words:** pandemic; psychotherapy; gender; evangelicals; ethic.

## RESUMEN

Este artículo aborda el complejo tema de la práctica profesional de la psicología y sus aproximaciones y tensiones con la inserción religiosa de los profesionales. Para ello se analizaron entrevistas semiestructuradas en un contexto de pandemia, realizadas a cinco mujeres evangélicas que ya habían pasado por psicoterapia, sobre sus procesos terapéuticos. El material trae la demanda de los entrevistados de hablar sobre las implicaciones éticas de haber pasado por psicólogos que decían ser religiosos. El artículo tiene como objetivo analizar esta demanda y articularse con los debates planteados por el Consejo Federal de Psicología sobre la ética de la profesión. Con eso, el material analizado se mostró fértil para pensar las disputas entre los temas religiosos y los discursos dogmáticos que traían estos “psicólogos cristianos” en sus consultas.

**Palabras clave:** pandemia; psicoterapia; género; evangélicos; principio moral.

## INTRODUÇÃO

Este artigo originou-se de uma pesquisa de doutorado em Psicologia Social, realizada pela primeira autora e orientada pela segunda, a respeito das vozes de mulheres evangélicas sobre o lugar que a psicologia ocupa em suas vivências. Assim, a fim de nos aproximarmos do campo, foram feitas entrevistas preliminares que ajudariam a entender quais questões interessam a estas mulheres. Dialogamos com cinco mulheres evangélicas que já passaram por processos psicoterapêuticos, a partir de um roteiro de perguntas que serviu para engatilhar alguns debates. Destas cinco, quatro quiseram continuar



o processo de entrevistas e suas respostas trouxeram algumas surpresas que foram além do debate sobre a psicologia como prática de cuidado: que psicologia tem se apresentado para essas mulheres e como isso afeta diretamente sua experiência com esta profissão? Mais especificamente, a questão que levantamos nesse artigo é: que prática da psicologia tem se aproximado deste público?

Os últimos dados censitários do IBGE de 2010 (LEONILDO SILVEIRA CAMPOS, 2013) apontaram que, na época, a população brasileira era composta de 23,9% de pessoas evangélicas. Mudanças sociais e políticas aconteceram, governos e o espaço do evangelicalismo nunca estiveram tão presente na vida pública. Ser evangélico se tornou algo comum e presente na maior parte da população, trazendo à tona novos desafios devidos a essa transformação social. Dentro da área da Psicologia, profissionais se denominando “psicólogos cristãos” têm sido um dos grandes desafios éticos para a profissão. Ao mesmo tempo que essa denominação equivocada tem crescido, pacientes e psicólogos que são evangélicos têm permeado esse campo, querendo ser tratados e acolhidos em suas particularidades.

A metodologia foi embasada em autores/as que articulam os temas de gênero-religião-psicologia. Com isso, constituímos procedimentos práticos que pensem as demandas sociais e nossas possibilidades dentro dos limites éticos. Devido ao avanço da pandemia de Covid-19, houve entrevistas semiestruturadas acerca das experiências em relação a esses três temas assinalados.

O foco deste artigo são as sujeitas e suas narrativas (GRADA KILOMBA, 2019) e, para isso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com cinco mulheres, escolhidas dentro de uma pluralidade de marcadores raciais e de classe, pertencentes a diferentes comunidades evangélicas.

Os pontos da entrevista advêm do debate gênero-religião-psicologia e tiveram foco nos seguintes temas: relações dessas mulheres com a religião, formas de autocuidado, percepção acerca da psicologia, percepção subjetiva quanto à relação entre cuidado, violência e religião; e questões de gênero em relação à religião. Todo esse enredo traz um convite para este artigo, onde a forma e o conteúdo vão caminhar conjuntamente.



Na primeira parte do trabalho, discutimos a categoria religião dentro do campo da psicologia, principalmente em relação aos evangélicos, para em seguida nos aprofundarmos na categoria “psicologia cristã”, indicando as disputas que aparecem ao redor deste tema. Após levantadas tais temáticas, apresentamos as entrevistadas e seus relatos, elencando duas temáticas para análise: a quem elas recorrem quando estão em sofrimento e a questão do dogmatismo. Assim, o artigo propõe a articulação dos assuntos levantados pelas próprias mulheres em paralelo ao debate sobre religião no campo da psicologia, entendendo como isso se relaciona com o contexto pandêmico que permeia a pesquisa.

## **1. A PANDEMIA E SEUS ATRAVESSAMENTOS METODOLÓGICOS-SOCIAIS.**

Em memória de Sônia Maria e Dona Wilma.

A pandemia de COVID-19 esta teve profunda influência no contexto metodológico, mas principalmente no ambiente social em que esta pesquisa se construiu. O doutorado, ao qual essa pesquisa está inserida, se iniciou em 2019 e as entrevistas foram realizadas no ano de 2021, ainda em contexto da Covid-19. A primeira autora do artigo perdeu duas irmãs de fé para esta doença no ano de 2020 e, de modo muito pessoal, esta experiência a impulsionou a registrar a fala de mulheres evangélicas porque, infelizmente, pode ser que não as tenhamos mais por perto.

As marcas pandêmicas são extremamente presentes, apesar de pouco faladas. Para Latour (2020), a Covid-19 trouxe algumas crises para o produtivismo desenfreado, pois com o aceleração das mortes toda uma ecologia global precisou refletir ou minimamente desacelerar os processos capitalistas que estavam estabelecidos. A própria experiência do confinamento trouxe em cena a reflexão de como iria continuar as produções. No campo reduzido, pensando esta pesquisa, atravessou primeiramente o campo da metodologia. A princípio um dos processos seria a aproximação via denominações, estudando mulheres evangélicas dentro de um campo específico. Para isso poderia ser feito um campo nessas igrejas. Todavia, com a pandemia, esta ideia perdeu sentido pelos



atravessamentos sociais que o adoecimento de toda uma população trouxe em cena. Boaventura de Souza Santos em *A cruel pedagogia do vírus* (2020) traz a reflexão que certos caminhos considerados “normais” deveriam ser repensados. Isso não significa necessariamente um “novo normal”, mas uma reflexão, como o autor mesmo comenta:

No entanto, o regresso à «normalidade» não será igualmente fácil para todos. Quando se reconstituirão os rendimentos anteriores? Estarão os empregos e os salários à espera e à disposição? Quando se recuperarão os atrasos na educação e nas carreiras? Desaparecerá o Estado de excepção que foi criado para responder à pandemia tão rapidamente quanto a pandemia? Nos casos em que se adoptaram medidas de protecção para defender a vida acima dos interesses da economia, o regresso à normalidade implicará deixar de dar prioridade à defesa da vida? Haverá vontade de pensar em alternativas quando a alternativa que se busca é a normalidade que se tinha antes da quarentena? (De Souza Santos, 2020, p.29-30)

A ideia das entrevistas online veio na mesma época em que os cultos por *instagram*, *facebook*, *youtube* ou mesmo pelo *google meets* estavam se proliferando. Cada vez mais evangélicos naturalizavam realizar atividade *online* e a pesquisa se encaminhou então nessa direcção. Boaventura de Souza Santos afirmou nessa direcção quando aponta:

A pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum. Esta situação torna-se propícia a que se pense em alternativas ao modo de viver, de produzir, de consumir e de conviver nestes primeiros anos do século XXI. (De Souza Santos, 2020, p.29)

Fomos, então, atravessados por uma vivência internacional de uma doença, que teve contornos muito específicos no Brasil atravessado pela colonialidade. Isso se deu não só pela política estabelecida com o governo de Bolsonaro, mas também pelo apoio de uma Frente Parlamentar Evangélica, como vemos na seguinte reflexão de Fábio Py:

A lembrança da exploração tem muito significado diante da expansão da COVID-19, porque se a Europa, diante de todo seu desenvolvimento



técnico-científico, sofreu forte impacto da pandemia da COVID-19, imaginem o continente com traços coloniais como o latino-americano? Fora isso, deve-se colocar na conta que o Brasil está em 2020 sob a gestão autoritária bolsonarista. (PY, 2020, p.8)

A Frente Parlamentar Evangélica, em sua maioria, apoiou Bolsonaro em suas práticas em contexto de pandemia quando, por exemplo, fez retirada do ministro da Saúde durante a COVID-19. Isso possibilitou que diversas igrejas permanecessem abertas durante este período e negassem a doença presente na sociedade. Pastores conhecidos como Silas Câmara, gravou uma entrevista indicando que a questão da pandemia está ligada “ao pecado do povo que não dá a mínima para Deus” (Py, 2020).

Essas disputas de poder no macropolítico Estatal mostra o poder evangélico que afeta o micropolítico das subjetividades analisadas no artigo. Como então uma mulher evangélica pode expor então seus sofrimentos quando há poderes políticos e religiosos que invalidam tal experiência?

Assim podemos entender que a priori a pesquisa foi atravessada pela pandemia no campo metodológico, mas também social já que a vivência evangélica deixa de ser um processo de espiritualidade individual, mas dialoga com uma disputa de poder.

## **2. EVANGÉLICOS E A PSICOLOGIA**

O termo evangélico está na boca do povo brasileiro. Mais de 92% da população brasileira é religiosa e, dentro das igrejas evangélicas, 57% são mulheres. Hoje, alguns autores, como Ronaldo de Almeida (2006), supõem que o número de evangélicos é maior que do último censo realizado. Mesmo nas dificuldades e desigualdades, a igreja evangélica ainda é um espaço de referência e cuidado. Esta mesma população tem menor acesso ao sistema público de saúde e ao tratamento psicoterápico. Em contrapartida, tem vasto acesso a comunidades evangélicas, cujos discursos apontam para a desvalorização do tratamento psicológico ou, quando respeitado, apoiam uma “Psicologia Cristã”, não reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia, em observação a nosso Código de Ética. Para pensarmos essa complexa questão, é necessário considerar a presença da religião na sociedade, como afirma Paulo Dalgalarrodo:



---

Estudar, refletir, escrever sobre religião é trabalhar sobre o mesmo material de que ela é feita, da experiência humana, nos seus limites, assim como de símbolos culturais, que constituem e alimentam, constroem e enriquecem, viabilizam nosso espírito e nossa existência neste mundo. Todos, crédulos e incrédulos, de uma forma ou de outra, somos tocados pelo espírito da religião e dele dificilmente escapamos. (PAULO DALGALARRONDO, 2009, p. 19).

O conceito de religião, assim como o de psicologia, é controverso e amplo. Nunca se consegue capturar o que, de fato, o indivíduo – e a cultura – entendem por religião. Por isso, se dá preferência a estudos do fenômeno e como este se dá individualmente. Contudo, os estudos individualistas não conseguem captar as necessidades de uma população, como é o caso de mulheres evangélicas.

Outras pesquisas que surgiram desde a década de 1960 registram também a relação intensa entre as religiões e as mulheres. Estas seriam mais religiosas, na maior parte das vezes, que os homens; são mais assíduas em suas comunidades de fé e realizam mais orações privadas – no caso das mulheres cristãs (MICHAEL ARGYLE & BENJAMIN BEIT-HALLAHMI, 2014). Geraldo José de Paiva et al (2009) comentam, em uma pesquisa realizada em São Paulo, que as mulheres entrevistadas usam o espaço religioso como uma forma de independência dos homens, onde elas podem estar livres, diferentemente dos homens, que podem acessar qualquer espaço livremente. Algumas hipóteses apontam para a socialização da submissão e do cuidado, que indicariam a busca de mulheres pela religiosidade (ALAN MILLER & RODNEY STARK, 2002).

Além disso, Sandra Duarte de Souza (2011) enfatiza a dupla marginalidade de uma pesquisa como esta: primeiro, por ser sobre religião, um tema pouco visto nas ciências sociais e o segundo sobre a ênfase nas questões de gênero. Recentemente, os estudos de gênero estão se expandindo a fim de suprir as lacunas que ainda existem – principalmente quanto às mulheres evangélicas. A partir de dados do IBGE de 2010, publicado em 2013, percebemos também que o público evangélico está muito interligado ao público com alta vulnerabilidade social. No caso do recorte deste artigo, vamos trabalhar com o público de mulheres evangélicas que, por si só, já sofre violências relacionadas ao seu gênero



e raça, e apresentaremos entrevistas semiestruturadas que abarcaram suas marginalidades e potências.

### 2.1. “Psicologia Cristã” e os embates em torno do público evangélico.

A terminologia “Psicologia Cristã” tem crescido ao longo dos anos e é cada vez mais presente nas falas não só do senso comum, mas também dos próprios psicólogos. Isso não seria uma problemática se não houvesse uma disputa política tão forte e presente no cotidiano dos psicólogos acerca da “Psicologia Cristã” e de todas as implicações antiéticas que esta produz.

As misturas entre psicologia e religiosidade não são incomuns na história da profissão (CLEBER MACEDO, 2017). No Brasil, possuímos algumas grandes organizações que exemplificam esse processo, como a “Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas” (ABRAPE); “Associação Brasileira de Psicologia Transpessoal” (ABPT) que oferece curso de “psicologia tibetana budista” e “psicologia transpessoal”; e a organização chamada Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos (CPPC), que existe desde 1976 e possui congressos, revista (Psicoteo) e uma bíblia própria – A Bíblia Conselheira. Esta mentalidade de aproximação entre psicologia e a religião tem produzido violências diversas e faltas éticas (CFP, 2019).

Afim de enfrentar essa investida, o Sistema Conselhos de Psicologia tem realizado diversas atividades e posicionamentos para instruir psicólogos acerca dos problemas éticos que isso acarreta. De acordo com a Resolução 13/2007, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) reconhece apenas uma Psicologia, que se constitui por 12 especialidades, técnica e cientificamente validadas, sendo que a “Psicologia Cristã” não é uma delas. Segundo a Resolução 10/1997, o psicólogo deve obedecer a critérios científicos estabelecidos pela Psicologia. Em 2012, o CFP emitiu uma nota pública que reconhece a religiosidade como expressão cultural e constitutiva dos sujeitos de fé, publicizando em seu site oficial um posicionamento acerca do tema: “Não existe oposição entre Psicologia e religiosidade, pelo contrário, a Psicologia é uma ciência que reconhece que a religiosidade e a fé estão presentes na cultura e participam na constituição da dimensão subjetiva de cada um de nós”<sup>1</sup>. Uma das maiores organizações

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/nota-pblica-do-cfp-de-esclarecimento-sociedade-e-sociedade-psicologas-sobre-psicologia-e-religiosidade-no-exercicio-profissional/>> . Acesso em 10/03/2022.





do Sistema Conselho de Psicologia, a Assembleia de Políticas, da Administração e das Finanças (APAF) lançou em 2013 o Posicionamento do Sistema Conselhos de Psicologia para a questão da Psicologia, Religião e espiritualidade. Neste, encontramos enfáticos posicionamentos, sem esquecer a importância da religiosidade dos sujeitos:

XII. Reconhecemos a importância da religião, da religiosidade e da espiritualidade na constituição de subjetividades, particularmente num país com as especificidades do Brasil. Neste sentido compreendemos que tanto a religião quanto a psicologia transitam num campo comum, qual seja, o da produção de subjetividades, entendendo ser fundamental o estabelecimento de um diálogo entre esses conhecimentos. Este fator requer da Psicologia toda cautela para que seus conhecimentos, fundamentados na laicidade da ciência, não se confundam com os conhecimentos dogmáticos da religião.<sup>2</sup>

Em 2015, um curso online foi produzido pelo CRP / OrientaPsi, intitulado Laicidade, trazendo discussões para se lidar com tal temática. Contudo, o termo “Psicologia cristã” ainda circula em notícias e meios religiosos. Um exemplo disso foi a nomeação de Marcelo Hodge Crivella, filho do ex-prefeito Marcelo Crivella, que usava este título devido a uma formação na Universidade de Biola, na Califórnia (FILIPE DEGANI-CARNEIRO, 2018). Fica evidente que, apesar dos posicionamentos do Sistema Conselhos, a prática de uma psicologia que se mistura com a religião segue presente.

### 3. MULHERES ENTREVISTADAS

As entrevistas foram realizadas de modo remoto no ano de 2021, assim como o convite para tal. Primeiramente, entrou-se em contato com diversos grupos pelo *WhatsApp* em que pessoas evangélicas circulam e se perguntou por mulheres, que se identificam como evangélicas, e que já fizeram psicoterapia, como pré-requisito.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2014/06/Texto-aprovado-na-APAF-maio-de-2013-Posicionamento-do-Sistema-Conselhos-de-Psicologia-para-a-quest%C3%A3o-da-Psicologia-Religi%C3%A3o-e-Espiritualidade-8-2.pdf>> Acesso em 26/05/2022



NOME	M.H	C.C.	C.F.	C.B	E.C.
Idade	29	28	35	36	57
Raça/etnia	Negra	Negra	Negra	Parda	Parda
Estado civil	Casada.	Casada	Divorciada	Casada	Casada
Filho	1	0	0	1	2
Escolaridade	Ensino Superior Incompleto	Superior completo	Pós-graduação completa.	Pós-graduação completa.	Pós-graduação incompleta.
Trabalho	Do lar.	Assistente Social.	Secretária.	Farmacêutica.	Professora.
Se frequenta uma igreja.	Sim, histórica.	Não.	Sim, histórica.	Sim, histórica.	Sim, mais de uma comunidade.

As idades das mulheres selecionadas variavam entre 28 e 57 anos. A elas foi perguntado como se identificaram quanto a própria raça de modo livre, sem opções prévias. Três delas se identificaram como negras e duas como pardas. Dentre elas, quatro estavam casadas e uma divorciada. Quanto à quantidade de filhos, duas possuíam um filho, uma com dois filhos e duas sem nenhum.

A escolaridade dessas mulheres estava dentro de um espectro de pessoas com acesso ao ensino superior. Uma tinha o curso incompleto, outra completo, uma com pós-graduação incompleta e duas com pós-graduação, configurando uma amostra com alto grau de escolaridade, o que não corresponde ao perfil médio das mulheres evangélicas indicado pelo IBGE. Esta diferença reapareceu quanto aos dados de renda. Uma recebia entre 1 a 3 salários-mínimos, duas de 3 a 5 salários-mínimos e duas com mais de 5 salários-mínimos. Nesse sentido, novamente, vimos uma grande discrepância salarial com os dados coletados em plataformas nacionais, como IBGE.

Dessas cinco, quatro moravam dentro da cidade do Rio de Janeiro e uma na região serrana. Duas na região da Zona Sul, uma na região da Zona Norte e outra não quis identificar. A que não morava na cidade em si viveu por toda sua vida na Zona Norte, e hoje vive em Teresópolis,



região serrana do Estado do Rio de Janeiro. Não tivemos nenhuma mulher advinda da Baixada Fluminense ou da Zona Oeste do Rio de Janeiro, que são duas das regiões que mais possuem evangélicos no Estado.

Quanto à vida profissional dessas mulheres, a maioria era de profissionais liberais. Uma assistente social, uma farmacêutica, uma professora, uma secretária executiva e outra se identificou como “do lar”. Dentre as que possuíam uma profissão, três estavam empregadas e uma desempregada.

O último dado levantado e bastante interessante é que quatro estão atualmente em uma comunidade religiosa, mas uma não. Isso demonstra que se identificar como evangélica não necessariamente significa estar vinculado a uma igreja.

### 3.1 Debates levantados

As entrevistadas primeiramente preenchiam um formulário com os dados socioeconômicos, conforme analisados acima. Depois se entrava em contato com elas, uma a uma, se havia interesse em realizar uma entrevista individual com a pesquisadora. Somente uma recusou, levando a quatro participantes. As entrevistas foram online, pela plataforma do Google Meets, durando entre meia hora a uma hora e meia. As perguntas feitas a estas mulheres foram: o que é ser evangélica para você? Você frequenta algum grupo religioso? Como você se cuida? O que te deixa feliz? O que te preocupa? O que te faz ficar triste? O que é sofrimento para você? A quem você recorre quando está sofrendo? A quem você não recorreria? Por que você buscou o serviço/atendimento? Como era o seu processo psicoterápico? Se tratava de questionamentos semiestruturados, então não havia rigidez quanto a responder exatamente as perguntas. O objetivo era produzir uma conversa a partir destes temas.

A relação delas com a igreja aparecia com bastante frequência nas primeiras perguntas. Por mais que a comunidade religiosa não as definisse, todas elas tinham experiências muito próprias com este espaço. O termo “evangélica” era também algo que elas sempre traziam como problemático e que precisaria ser repensado. Outra articulou a problemática da identidade evangélica com a relação de igreja.

O que traz felicidade são coisas corriqueiras, vinculadas a família, amigos e contextos sociais. De modo similar, quando trazia o que as



fazia tristes e preocupadas, os temas rondavam questões sociais e familiares. Temas estruturais como racismo, machismo e violências apareceram com frequência.

E.C, uma das entrevistadas, particularmente trouxe uma experiência de tristeza vinculada diretamente à igreja. Quando a conversa ia para o tema da dor, esta parecia se alastrar mais do que das alegrias. Apesar de somente uma especificar ter sofrido dentro do espaço religioso, outras também não negaram que isso poderia ter acontecido. O tema do sofrimento remetia com frequência às referências religiosas.

Muito da forma de se manejar a dor está relacionado a quem estas pessoas têm como referência para conversar. Falar com o marido, ficar em silêncio, passear estão ao mesmo nível de orar e encontrar pessoas religiosas, o que demonstra que não há uma preferência em ações do âmbito espiritual, muito menos aqueles que estão em igrejas. De igual modo, o terapeuta é um profissional pouco citado. Contudo, quando perguntadas sobre quem ou o que elas não têm como referência para falar sobre sofrimento, a igreja aparece com muita frequência. Já a psicoterapia não apareceu como sendo um problema para estas mulheres. Nesse ponto, o espaço religioso é a maior referência de onde não ir.

Quando perguntadas sobre os motivos que as levaram a buscar esse tipo de processo, trouxeram temas diversos, tanto sociais como particulares. Somente E.C. trouxe a igreja como uma de suas demandas.

Impressionantemente, todas tinham experiências com “psicólogos cristãos” e com mais de um terapeuta. Então, ao falarem de seus caminhos com a psicologia, elas traziam comparações e impressões sobre como foi ter um psicólogo com a mesma fé que elas.

O caso de C.C. apresenta alguns pontos importantes. Sua primeira terapeuta foi indicação da igreja e foi paga por uma irmã de fé, não sendo uma escolha direta da própria paciente. Depois disso, o que incomodou C.C. não foi o fato de a psicóloga ser religiosa, mas a forma como ela conduzia a terapia e produzia o *setting*. Ser taxativa, não produzir um espaço empático e ser muito formal eram características potencializadas pelo fato de o discurso religioso trazer em si próprio corriqueiramente a ideia de verdade absoluta.

Ao final das entrevistas, foi dado um espaço livre para apontamentos que fossem da vontade das interlocutoras. De modo muito



interessante, todas falaram sobre como a psicologia era uma área do conhecimento única, que não poderia ser comparada ao trabalho pastoral. A psicologia aparece como um saber específico, diferente do “papo entre amigos”. Especialmente quanto à religião, elas percebiam a diferença e apontavam como corriqueiramente a religião não estimulava o cuidado em saúde mental.

As entrevistas indicaram o interesse dessas mulheres em cuidar da própria saúde mental e seu grande respeito pela psicoterapia. Entre os conflitos pessoais com a fé e o processo psicoterápico há mulheres buscando rotas de tratamento de suas tristezas e preocupações. Percebemos nessas falas duas grandes temáticas merecem ser analisadas mais detidamente: a quem elas recorrem em momentos de sofrimento, e o dogmatismo.

### 3.1.1 A quem recorrem e não recorrem em momento de sofrimento

C.C. explicitou quem são as pessoas a quem ela recorre ou não. Quando perguntada sobre quem ela procura em tempos de sofrimento, apontou que quando algo realmente a preocupa, tenta lidar sozinha com o assunto e depois conversa com amigos, marido, o terapeuta e com a rede de apoio. Desses amigos, ela pontuou que podem ser evangélicos ou não, mas que ela nunca conversou assuntos pessoais com pessoas da mesma igreja que ela.

Contudo, quando falamos sobre quem ela não procura, disse claramente que “*com certeza e com toda a convicção*” não procuraria mais a igreja para falar dos seus sofrimentos, pois já teve diversas experiências péssimas em compartilhar coisas a seu respeito nesse espaço. Não é um espaço de acolhimento para suas questões, segundo C.C. Somente procuraria uma comunidade religiosa evangélica em caso de fome ou alguma vulnerabilidade social em que não precisasse expor intimidades.

E.F., assim como C.C., teve uma experiência ruim dentro da igreja e, por isso, não conta com esse espaço para tratar seus sofrimentos. Quando estes sofrimentos chegam até ela, E.C. quer ficar sozinha ou com seus cachorros, lendo ou vendo uma *live* no Instagram. Às vezes a ajuda estar com filhos e amigos, principalmente uma grande amiga. Porém, mesmo a igreja tendo sido o espaço em que ela construiu toda



sua vida, não sente que ali pode falar à vontade, expor e trazer discussões. Também não se sente à vontade para falar de seus sofrimentos para sua mãe.

C.F. aponta sua fé como sendo algo que a ajuda a lidar com sofrimentos, mas não faz questão de que a pessoa ao qual busca, seja amigo ou terapeuta, seja religiosa. Porém, quando falamos de sofrimento ela não expressou algo que a faz sofrer, mas o que o sofrer é para ela. “Sofrimento é o que abala as estruturas de modo visceral”, disse C.F., e ela traz logo a memória religiosa de Jesus, que suou sangue, que suportou dificuldades. Apesar de reconhecer que há sofrimentos leves e mais profundos, ela sente que a fé a ajuda a suportar. Isso se demonstra na forma com que ela lida com o sofrimento. C.F. faz orações e busca pessoas que são referências em sua vida espiritual. Contudo, ela não coloca essa como a única forma de lidar com as dores. Relata buscar quietude, acordar cedo, ver o mar, o céu e pessoas que se preocupam com ela, independente se forem evangélicos ou não. Ela explicita que os mais íntimos são da mesma fé, mas diz claramente em suas palavras “*Procuro pessoas humanas, não pessoas evangélicas.*”. C.F. não expressou que pessoas ela não buscaria.

Observando o relato das entrevistadas, percebemos que o espaço da igreja não aparece como um local de suporte emocional para estas mulheres, mesmo quando a fé em si lhe é acalentadora. Valeska Zanello (2018) afirma que a valorização à retenção e não expressão, principalmente de raiva e ódio, leva à implosão psíquica nas mulheres. De modo geral, há questionamento ao sintoma e uma patologização do sofrimento feminino.

Sofrimento, mal-estar, dores religiosas, dor no corpo, família que oprime e sustenta, falta de espaço na igreja, dor misturada, são relatos que Ivone Gebara (2017) também traz ao se pesquisar a vivência de mulheres religiosas. Tudo isso aparece nas falas das mulheres: “Há conquistas, momentos de esperanças, encontros que marcam a vida, mas as feridas na carne são maiores e são poucas as mulheres que ainda ousam falar dela em relação às igrejas” (IVONE GEBARA, 2017, p. 23).

Dependendo também do quanto essas mulheres estão inseridas no espaço religioso, podemos ver o relato de William Pereira falando



do sofrimento de pessoas no trabalho religioso ao dizer que “Quando estes sujeitos, presbíteros e religiosos, não possuem manejo adequado de estratégias de enfrentamento com a organização, acabam não só ardendo, mas queimando-se por dentro” (WILLIAM PEREIRA, 2013, p. 135).

Pensando as interlocutoras como mulheres negras, cabe articularmos com Grada Kilomba (2019), ao pensar a experiência de mulheres negras. Esta conta de experiências de isolamento, onde elas teriam que ser superfortes e sofrerem silenciosamente, sem, muitas vezes, uma perspectiva de cura e transformação desses traumas. Esse sofrimento emerge nas falas de mulheres negras como força de reflexões e práticas.

Estas camadas de sofrimento são acolhidas por outros grupos – às vezes até mesmo de pessoas religiosas. Percebe-se que não há uma preferência de que os amigos e conhecidos necessariamente sejam da mesma religião que as mulheres entrevistadas. O debate, dentro do campo da Psicologia, vem do porquê se existiria uma necessidade de psicólogos que reafirmam ser religiosos ou de uma igreja, já que as próprias pacientes não dizem procurar essas pessoas em momentos de sofrimento. Seria esta demanda algo que vem do grupo religioso para controlar seus membros e propor de que a igreja e seus psicólogos religiosos são o único caminho de tratamento? Isso nos leva ao segundo eixo de análise, que apareceu durante a entrevista, que é o dogmatismo.

### 3.1.2. Dogmatismo

Na trajetória das mulheres, percebemos como o dogmatismo apareceu em seus processos psicoterápicos. C.F. buscou uma segunda terapeuta que era esposa de pastor, e nossa interlocutora apontou que as falas dessa profissional eram muito influenciadas pela religiosidade, misturando corriqueiramente o fato das duas serem evangélicas com a psicologia.

Com C.C., vemos uma experiência similar. A primeira psicóloga que consultou foi indicação de uma pessoa da igreja e esta irmã de fé pagou uma sessão para a nossa interlocutora. De acordo com C.C, a sessão foi “*horrível, péssimo, terrível*” e isso deixou-a com a impressão de que psicoterapia não era algo bom. O sentimento, ela relata, era de que estava ainda dentro da igreja, que parecia mais um aconselhamento pastoral pouco acolhedor. Ela explicou um pouco mais sobre como



isso acontecia, dizendo que a profissional era muito taxativa e sempre tentava conduzir a intervenção “*de modo bíblico*”. Por exemplo, quando levou uma questão a respeito de seu casamento, a terapeuta lhe disse que o casamento “é indissolúvel”.

C.B., por sua vez, relatou história semelhante com sua primeira psicóloga, que se identificava como psicanalista e cristã. A segunda, e atual, é junguiana e não é cristã. Para C.B., o manejo das temáticas relacionadas à religião é totalmente diferente, e ela tem preferido a segunda, principalmente pela forma com que aborda a fé. A primeira, de acordo com C.B., não necessitava que ela explicasse sobre como funcionava a igreja e já tinha um ponto de vista padronizado. Além disso, a psicanalista pediu para que o marido de C.B. – que é pastor – participasse das sessões também, o que foi proposto devido a um suposto “*poder pastoral*” que este marido deveria que exercer sobre C.B. Isso a deixou muito desconfortável. Com a segunda psicóloga, C.B. precisava explicar como funciona sua experiência religiosa, e isso a ajudou a elaborar alguns temas naturalizados. Outro fator que C.B. gosta da junguiana é que esta trabalha com sonhos. C.B. diz que, em sua experiência, a não cristã é melhor porque a religião às vezes mina a troca e pode trazer julgamentos da fé para dentro da psicoterapia. Durante o processo psicoterápico, E.C. também relata que a primeira terapeuta, que começou com atendimento familiar, era muito religiosa e espiritualizava todas as questões que eram trazidas.

Esse processo dogmático foi visto de modo negativo pelas quatro interlocutoras. Elas não ficavam felizes de serem acompanhadas por psicólogas que eram restritas em seus posicionamentos e que misturavam com frequência a fé com a prática psicológica. Apesar de sabermos que a possibilidade de dogmatismo aparece em qualquer atuação, é interessante enfatizar que estes aconteciam por “*psicólogos cristãos*”. Exemplos dessa prática similar a das interlocutoras aparece no livro *Tentativa de aniquilamento de subjetividades LGBTQIA+* (2019), material produzido pelo CFP a fim de denunciar atividades de conversão sexual e de identidade de gênero. Vemos relatos como de:

A psicóloga começou invocar alguns trechos da Bíblia, falando sobre o mito da criação, sobre o papel da mulher, sobre as convicções. - Sou lésbica, mulher cis, negra e tenho 46 anos de idade.





Minha mãe disse que o pastor conhecia uma psicanalista que era uma irmã, ela era da igreja, sei lá o quê, e que tratava de casos assim. (...) Ela conversou comigo que talvez fosse isso que Deus queria, sei lá o quê. Antes da sessão, a gente fez uma oração, claro. - Sou lésbica, mulher cis, branca e tenho 20 anos de idade

Ao buscar ajuda psicológica, a psicóloga veio interpor uma questão de religião. (...) Ela começou dizendo que era uma fase, depois ela entrou muito em religião, começou a falar que Deus tinha um plano para mim e que isso eram “atormentações”, que eu não podia me deixar cair nessas atormentações. Ela passava orações para eu fazer, orações, hinos para eu ouvir, e ficava falando versos bíblicos, nada a ver. - Sou lésbica, mulher cis, negra e tenho 25 anos de idade (CFP, 2019, p.102.

Todos esses casos são de mulheres que passaram por psicólogos que traziam técnicas e influências advindas da religião, às vezes como prática (por exemplo, com uso de orações, hinos e leituras bíblicas) ou no processo discursivo, como vemos também no relato de nossas interlocutoras.

Este dogmatismo nos remete à ideia de fundamentalismo, baseado no movimento dos anos 1910-1915 criado pelos *evangelicals* norte-americanos. Estes construíram um documento chamado *The Fundamentals*, em que não só rejeitavam a alta crítica, o socialismo, a teologia liberal, a igreja católica, o ateísmo e a modernidade, mas também propunham pontos de ortodoxia (uma lei correta) e dogmática (imutável). Nascimento virginal de Jesus, ressurreição dos mortos, doutrina do pecado e da salvação, entre outros temas, foram colocados nesse documento que se tornou mãe do que chamamos de fundamentalismo. O documento de 12 volumes foi escrito por Lyman Stewart, presbiteriano, norte-americano e empresário petrolero (ANTÔNIO GOUVEIA MENDONÇA, 1990). Tal material se tornou por muitos anos uma segunda bíblia de missionários que vieram ao Brasil e construíram a ideia de uma ortodoxia e de dogmatismo na experiência de fé. A partir deste ponto, as igrejas entraram em uma teologia complexa onde já não se sabia diferenciar o posicionamento da própria fé com a luta por uma lei correta que deveria corrigir o outro que não entrasse nesse percurso. Fundamentalismos, relativismos, lugares de poder e seu exercício carismático encontram



terreno fértil na religião (MARCELO AYRES CAMURÇA, 2013), principalmente com o público evangélico.

Contudo, quando analisamos as falas dessas mulheres, mesmo estando vinculadas a esta mesma fé, vemos que não desejam esse tipo de processo psicoterápico. C.C. relata que procurou em um grupo de mulheres do *facebook* por uma psicóloga que cobrasse um “valor social” e se adaptou muito bem a ela. Alguns detalhes foram importantes, como o fato desta profissional “*ser descontraída, beber Coca-Cola, ficar sem sapato, não anotar e, principalmente, só atender mulheres*”. Está há um ano e meio nesse processo com a nova terapeuta e já conseguiu levar para a terapia muitos assuntos relacionados à igreja, mesmo a profissional não sendo religiosa. O fato de não a induzir a nada lhe fez muito bem, segundo C.C.

Ao final da entrevista, quis falar sobre a relação entre cuidado em saúde mental e a igreja. Para C.C., a igreja vê esse cuidado como errado, pois “*só Jesus cura e Jesus só está na igreja*”. A interlocutora disse que já acreditou muito que tudo deveria estar condensado dentro da igreja, até uns oito anos atrás. Ao longo do tempo ela percebeu “*que se você não pode procurar por outros espaços, você perde a autonomia*”, e isso era muito importante para ela.

Percebemos uma disputa entre o que o espaço religioso e suas lideranças querem infundir como certo e o que estas mulheres entendem como tal dentro de seus percursos de cuidado em saúde mental. O fundamentalismo tenta usar o processo psicoterápico como meio de implementação dogmática, mas as entrevistadas resistem a isso.

Importante salientar que não são todas as lideranças evangélicas que são fundamentalistas, conforme C.F. trouxe. Ela está em um processo com um psicanalista atualmente que é pastor, mas C.F. percebe o cuidado do profissional para não misturar os conteúdos. Se ele cita a questão religiosa é como um exemplo, ou em um contexto específico. Hoje, ela relata conseguir ver que a terapeuta anterior fazia quase uma clínica pastoral.

E.C. também é atendida há 13 meses por uma psicóloga que tem um lugar de poder na igreja – é esposa de pastor – e traz uma boa experiência na prática. Ao final da entrevista, E.C. relatou que, devido a sua experiência na igreja, passou a crer que existia uma regra para a



vida dar certo – na família, no emprego e na vida emocional - mas sua vida foi indicando que tudo deu errado. Hoje ela percebe que a religião e a terapia falam de temáticas muito diferente. Contudo, E.C. também percebe que nas igrejas não há estímulo a se fazer psicoterapia porque não se deseja que as pessoas sejam verdadeiramente livres, produzindo regras próprias para si mesmas.

A liberdade proposta nos processos psicoterápicos para E.C. e outras interlocutoras é que faz haver tanto tensionamento com a religião. Enquanto a psicoterapia repetir noções de “correto” e de “verdade”, irá servir aos interesses dos líderes religiosos. Porém, quando não aparece sendo algo dogmático, é dito nas comunidades como ameaça na vida dessas mulheres religiosas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência das mulheres entrevistadas indica que é mais comum ter a religião como sofrimento do que de acolhimento. Elas percebem a diferença entre a psicologia e a fé cristã e se posicionam para continuar o autocuidado. E.C., por exemplo, disse que “*terapia é saúde para tudo, é vida*” o que é o sentimento das participantes que gostam do processo psicoterápico, mas não se sentem bem com o dogmatismo da religiosidade, mesmo abraçando a fé.

A própria sociedade tem trazido à tona a necessidade de se repensar gênero, raça e classe em relação com a religião, devido ao crescimento explícito do fundamentalismo religioso na política. Em um contexto de pandemia em que a Frente Parlamentar Evangélica nega os processos de adoecimento por COVID-19, vemos o dogmatismo tão citado pelas mulheres permear todo um país.

Ao mesmo tempo em que a espiritualidade produz a oportunidade de as mulheres possuírem uma vida social, filhos, amigos e possivelmente até um marido, ela utiliza-se dessas concessões para apropriar-se da pessoa religiosa. Essa ambiguidade real na vida das mulheres cria questões que condizem com a experiência histórica dessa fé. Tal tensão interessa a pesquisa para pensarmos a saúde mental dessa população.

Para além de uma leitura macro da sociedade, onde os evangélicos são vistos como uma categoria que oprime e violenta, percebemos o micro de mulheres que só desejam uma vida mais justa e saudável. Um



não nega o outro, contudo precisam ser postos dentro das produções científicas a fim de expandirmos olhares e escutas de questões que aparecem no cotidiano desses sujeitos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada: evangélicos e conservadorismo. **Cadernos Pagu**, n. 50, 2017.
- ARGYLE, Michael; BEIT-HALLAHMI, Benjamin. **The psychology of religious behaviour, belief and experience**. Londres: Routledge, 2014.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. O Brasil religioso que emerge do Censo de 2010: consolidações, tendências e perplexidades. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). **Religiões em movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 63-87.
- CFP. Tentativas de aniquilamento de subjetividades LGBTIs/Conselho Federal de Psicologia. – Brasília: CFP, 2019.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Religião, psicopatologia e saúde mental**. Artmed Editora, 2009.
- DEGANI-CARNEIRO, Filipe. Psicólogos evangélicos: religiosidade e atuação profissional em Psicologia no Brasil. **Quaderns de Psicologia**, v. 20, n. 1, p. 75-88, 2018.
- DE SOUSA SANTOS, Boaventura. A cruel pedagogia do vírus. Boitempo Editorial, 2020.
- GEBARA, Ivone. **Mulheres, religião e poder: ensaios feministas**. São Paulo: Terceira Via, 2017.
- IBGE, IBGE. Cidades. Available from: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm>, v. 1, 2010.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Evangélicos e política no Brasil: análise das eleições de 2002 a 2010 para Câmara Federal**. Instituição e sociabilidades: religião, política e juventudes. Campo Mourão: Fecilcam, 2013.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LATOURE, Bruno. Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise. São Paulo: N-1 Edições, 2020.
- MILLER, Alan S.; STARK, Rodney. Gender and religiousness: Can socialization explanations be saved? **American Journal of Sociology**, v. 107, n. 6, p. 1399-1423, 2002.
- MACEDO, Cleber Michel Ribeiro de. A clínica pastoral dos psicólogos cristãos no Brasil. 2017.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.



---

PAIVA, Geraldo José de et al. Psychology of Religion in Brazil: the production in journals and books. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 3, p. 441-446, 2009.

PEREIRA, William Cesar Castilho. **Sufrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional**. Petrópolis: Vozes, 2013.

PY, Fábio. Pandemia cristofascista. Série: contágios infernais. São Paulo: Recriar, 2020.

SOUZA, Sandra Duarte de. **O gênero escrito na literatura evangélica: notas sobre a regulação religiosa do feminino**. Religião e Educação para a cidadania. São Paulo: Paulinas, 2011.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Editora Appris, 2018.

Submetido em: 13-6-2022

Aceito em: 1-12-2022